

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

FH, Proer e eleições

• Fernando Henrique, que começou a vestir ontem sua camisa de cabo eleitoral, tem avaliado que o Proer será um chicote contra os candidatos governistas no pleito municipal. Acha que eles pagarão também pelas falhas de comunicação do Governo, que não consegue mostrar direito o que faz. Não está claro ainda até que ponto ele pretende se envolver na campanha, mas ontem propiciou um palanque para Serra na posse de Kandir.

Fernando Henrique está preocupado com as eleições. Elas determinarão a próxima etapa de seu Governo, a correlação de forças no Congresso e também a reeleição. Ele acompanha a situação nos estados e acha inevitável que, pelo menos nas principais capitais, o debate seja nacionalizado e envolva também o desempenho de seu Governo. Está convencido de que, quando isso acontecer, os adversários vão bater forte na questão do Proer, mais até do que na tecla do desemprego. A um de seus interlocutores, chegou a dizer:

— Imagino que, se for feita uma pesquisa sobre o assunto, pelo menos 40% das pessoas acharão que houve mesmo desvio de recursos da saúde e da educação para o socorro aos bancos. Infelizmente, o Governo não conseguiu transmitir à sociedade uma idéia correta sobre o programa.

Mas Fernando Henrique não está arrependido do que fez. Diz que não foi desonesto e continua pensando como J. Kenneth Galbraith, para quem

“pior do que ajudar um banco é deixá-lo falir”. Reconhece que o Proer foi até agora a fonte de maior desgaste para seu Governo, admite que seus aliados pagarão um alto custo eleitoral mas está certo de que seria pior se não o tivesse feito.

Pelo que contam os interlocutores, está sobressaltada a alma do presidente, que parecia de fato emocionado ontem ao despedir-se de José Serra. Ele continua se queixando da má vontade de setores da imprensa, da intensa cobrança por resultados na área social, como se toda a tragédia brasileira fosse obra dele. Tem esperança agora de que o ministro Antônio Kandir possa atuar também como um eficiente comunicador do Governo. Está exausto com a batalha pela aprovação das reformas com o quórum de três quintos que exige tanto do Governo. Vai pelear até agosto na Câmara, até novembro no Senado. Até lá, estarão abertas as urnas. Depois disso, fará um novo Governo (assunto de outra nota desta coluna).